

ILUSTRACÃO CATHOLICA



ARNOSO — FAMILICÃO

O portico do templo românico

Braga, 25 de Fevereiro de 1928

NUMERO 312 — ANO VII

Composta e impressa na UNIÃO GRÁFICA — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Illustração Catholica, L.^{da}»

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :		
Ano.	.	60\$00
Semestre	.	30\$00
Trimestre	.	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

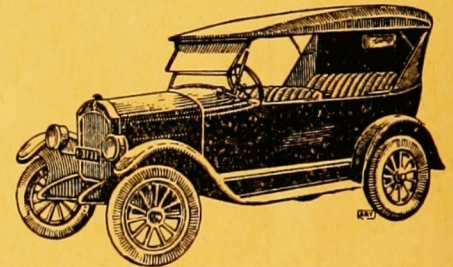
COLONIAS :		
Ano.	.	64\$00
Semestre	.	32\$00
Trimestre	.	16\$00

ESTRANGEIRO :		
Ano.	.	80\$00
Semestre	.	40\$00
Trimestre	.	20\$00
Numero avulso	.	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e Camionetes **RUGBY**



**Os carros preferidos pela sua elegancia e
modicidade de preços**



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

LIMA, FILHO & C.^A L.

Grandes Armazens da Caixa de Crédito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56

Telefone 31 (1.º andar)

:: BRAGA ::

Operações de Credito — Compra e venda de todos
os artigos — Ourivesaria e Relojoaria
Deposito de Maquinas de costura. Fazendas de
lã e algodão, fato feito etc. Especialidade
em CAPAS ALENTEJANAS

Tintos para Igreja

147 — Rua da Cruz de Pedra — 151

BRAGA

A mais antiga tinturaria de Braga, usando
dos processos mais modernos, presta-se a sa-
tisfazer qualquer encomenda para tingir quais-
quer objectos proprios para Igreja, tais como,
paramentos, cortinados, etc. Tambem tinge
vestidos de senhora e fatos para homem. Sa-
tisfaz qualquer encomenda pelo correio.

Pedidos a Manuel José Gomes, Sucessores



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 25 de Fevereiro de 1928

Composta e impressa na UNIÃO GRÁFICA
BRAGA

Anno VII — N.º 312



P.º Manuel de Carvalho Alaio
Distintissimo artista musical, director do Orfeon de Braga e professor
de canto coral no Seminario e no Liceu.

CRONICA DA SEMANA

Quadregesimais.

A O tempo a que esta cronica chegar às mãos de nossos leitores, por toda a parte já a Igreja veste roxas galas, como petalas velutneas de lirios penitentes, e a braceare, por ventura mais em harmonia com a propria instituição quadregesimal, deixou cair já sobre as imagens dos seus santos, os veus misteriosos do arcano.

A pouca educação religioso-liturgica, e, a influir nela, o decaimento de toda a liturgia, e das suas ideias primordiais, imagina ser a quaresma um periodo de luto e de tristeza. Tais ideias não se comportam com o verdadeiro sentimento da liturgia. Mais do que de tristeza e luto este tempo é de santificação e renovamento: a penitencia e a mortificação não importam melancolia e abatimento de animo. Um dos grandes defeitos da nossa idealidade contemporanea é o ar bissonho, a falsa gravidade com que se pretende mascarar fingindo o espirito de devoção. Jesus Cristo recomendava aos Apostolos que lavassem e perfumassem o rosto nos dias em que jejuassem, porque de sua penitencia bastava que soubesse o Pai celeste. E anda muito pelos limites da hipocrisia, uma certa religiosidade anti-humana que, posta em desavença com a natural expansão do espirito, intenta colidir com as risadas francas e argentinas duma consciencia intemerata.

Aquela «apagada e vil tristeza» que serve de nariz de cera a todas as declamações de muitos pretensos sociologos, não é cristã nem é humana. «Mais alegria!» protesta, lindamente um Bispo alemão numa obra já felizmente popularizada por iniciativa da casa Herder, em muitas linguas. Mais alegria! não dissipada, não materializada, nem atascando-se no tremedal de paixões ignobeis, mas espiritualizada, erguida à região serena onde os anjos sorriem. E as severas meditações do tempo quaresmal, não se opõem a essa divina alegria das almas, antes a pressupõem; *Tempus acceptabile* lhe chama a Igreja, e fazendo dele um curso de dogmatica e de moral, uma formação completa dos seus fieis, não morre jamais em seus labios o cantico de jubilo e nas suas modulações prepara a exultação do carne pascal.

Vem estas considerações a proposito de uma obra eminentemente salutar e apologetica e piedosa, a que se dedicou, no passado Carnaval e na presente Quaresma a Juventude Catolica de Braga. É que fez ela? No Carnaval, organizou lindos espectaculos de

categoria comica, que despertavam o riso e franca gargalhada, em cujos intervalos se jogaram animadamente serpentinas e papelinhos e lança-perfumes. Isto fizeram os rapazes, naqueles dias que são destinados a brinqueado, e nisso fizeram muito bem, e até fizeram muito melhor do que se organizassem para esses dias algum retiro fechado em que se juntariam apenas tres ou quatro ou uma duzia deles.

Parece paradoxo esta doutrina? Não é. Se São Luís Gonzaga, como unica preparação para a morte queria continuar e concluir o jogo em que se estava divertindo, tambem a Juventude Catolica dá muita gloria a Deus, mostrando que se pode ser cristão sem deixar de ser homem, e que é proprio do homem cristão divertir-se no seu devido tempo, com tal condição, porem, que obviados todos os excessos, o divertimento, comedido e ordenado, não seja pecaminoso.

Do nosso S. João de Deus se refere uma anecdota não para imitada, mas sim para admirada: A's sextas feiras santas o caridosíssimo português procurava pecadoras romanas, entretendo-as com variada conversação entremeada de reflexões piedosas. E procurava com isto ocupar-lhes o tempo, impedindo-as de pecarem.

Se meditarem um pouco no espirito deste rasgo de santidade, encontrarão alguma preciosa perola que, em paralelo com a acção da Juventude traduzimos assim: A obra salutar dos rapazes, é mais valiosa ainda do que os actos de piedade que nos dias de Carnaval costumam fazer as almas mais devotas. E a razão é que os actos comuns de piedade pretendem desagrar as ofensas feitas a Deus; a piedade esclarecida das diversões moderadas a que aludimos, conseguem evitar em grande parte que se façam essas ofensas. E evitar o mal é uma redenção antecipada.

Outra coisa seria se a Juventude se limitasse a brincar quando é tempo de brincar. Mas ela todo o ano sustenta uma adoração permanente eucarística e nesta Quaresma tem planeada uma serie de eruditas conferencias, a primeira das quais e sob o tema exactamente da Quaresma, será feita amanhã, pelo ilustradíssimo director da *Opus Dei*, o insigne mestre de liturgia D. Antonio Coelho. Assim, perfeitamente equilibrada, continua a Juventude Catolica de Braga benemerencias que os passados volumes desta *Ilustração* já poderam registar.



ANUNCIAM-SE novas cartas de Camilo. Isto de remechar na papelada alheia e sem sombra de decôro assoalhar as intimidades dos escritores, vai sendo verdadeira epidemia. Qualquer plumitivo sem a menor sombra de geito e sem o menor ar de pudor literario, incapaz duma obra, impotente para a escrever, agarra nos papeis velhos dum consagrado, e estampa-os à publicidade, mais cioso da gloria que lhe possa advir, que propriamente na maior ou menor soma de fama a juntar à gloriosa aureola do escritor sacrificado.

E geralmente as cartas exhumadas são vulgares e corriqueiras missivas, sem interesse e por veses sem brilho, que não servem para esclarecer a personalidade do escritor mas tão somente para, na maioria dos casos, o apresentar até com uma faceta de ridiculo, que a longa cohorte dos seus admiradores inteiramente desconhecia. Outras veses, o comentador ousado desce mais intimamente no amago dessas existencias e sem pudor, atira para os olhos do mundo com os lances mais intimos e certamente mais sagrados da sua vida particular. Em face duma carta de amor o plumitivo não hesita. Que importa que essa carta venha desvendar um segredo que o escritor ciosamente guardou para si? O que vale afinal, que a honra e a reputação duma senhora seja cruelmente atingida e sem razão até, porque a interpretação da carta não corresponde à verdade?

Uma opinião ardente que o artista sentiu e nessa carta idealizou, em fogachos de fantasia, amargamente repelida mas que pelo entreluzir dos comentarios, nos surja como uma mutua e viva simpatia não irá comprometer a fama dalguem que até ao limiar da velhice viveu bemquista e respeitada? Frioleira afinal! Mas essa carta que não exprime a verdade, repito, foi escrita somente para alguém que impensadamente a guardou junto às derradeiras flores da mocidade perdida para que um dia irreverentemente, sem piedade e sem escrupulo, viesse a publico desvendar um íntimo segredo.

Só o escritor é juiz do que o mundo deve conhecer da sua obra, do que a humani-

dade deve aproveitar do seu sonho, da sua visão, da sua doutrina. Só ele pode avaliar, porque só a ele pertence, o que ha de publicavel nos seus papeis, nas suas notas, nas suas impressões. Mas o que o artista não suspeita sequer, é que num amanhã distante, um extranho anodino vá aos seus papeis, que o acaso lhes poz nas mãos, e irreverentemente e com gananciosa mira, atire para a publicidade com uma carta sua pedindo ao boticario visinho uma poção de ruibarbo com que tonifique as visceras tresmalhadas no ul-



DOMINGOS GUIMARÃES
Ilustre escritor e jornalista

timo banquete, ou aquela vigorosa, ardente página de paixão, que ele escreveu sonhando, para a doce e deslumbradora eleita do seu sonho fugidio e a humanidade venha a saber que o grande culon da celebridade, padecia a miudo, e a viuva inconsolavel possa constatar que nem sempre o seu idolo querido, foi espelho de fidelidade conjugal.

E' isto justo, decente, honesto? Parece-me que não; os plumitivos, entretanto, não desarmam e qualquer dia o pobre e grande Camilo verá em letra redonda novas intimidades assoalhadas. E até quando durará a refalsada patifaria?

José de FARIA MACHADO.

AO ANTÓNIO QUEIRQZ, COM UM GRANDE ABRAÇO.

VAI passando o rosário enfadôngo dos mesmos dias cinzentos, com chuvas frias, neves alvas, ventos loucos, trovões de terrôr, longas noites sem luar e sem estrélas...

A gente olha pela vidraça, — e por entre as franjas de névoa que se despenham da grimpa das serranias, vê-se a terra calva, érmica, varrida de vegetação — árvores em reza — casais em socêgo — no seu uniforme



SEVERINO LEITÃO

Ilustre colaborador da «Ilustração Catholica»

tom verde ensopado de água, os campos como lagos de esmeralda húmida...

A gente olha, — e na planície imensa, retalhada de leiras — onde se balouçaram milhos e centeios — semeado de casebres — onde sorriram cravos e violêtas — só se enxergam árvores nuas, despidas do seu sendal de folhagem, esqueleticas e solitarias, em oração, os braços ao alto, descarnados, hirtos, — como se uma onda de metralha por entre elas tivesse passado...

Nenhuma áve piava no espaço, tecendo

a aérea renda de seu voar; as ultimas fôlhas se agitam, pintalgadas de ferrúgem, bailando seu bailar de ritmos macabros; e delgados, diáfanos, torcidos, dos telhados os fumos sobem, algodoando o espaço, cheirando, higienicamente, a eucalipto e a rama de pinheiro...

A chuva tomba, canta nas telhas, rufana nas vidraças, — olha-se para fóra — e cada veiga é uma lagôa, cada carreiro um riacho, até ao sopé das montanhas distantes, de cujos bravios flancos as águas irrompem, frêscas e espumosas, descendo em cachão, em enxurrada, em catarata de cambraias alvas como jaspe, até ao vale, onde um rio as leva ou a terra as bebe...

O frio — de tamanho — lacera os ossos, greta os lábios, bisturiza as carnes; furiôso e alto, o vento redemoínha, levando telhados, arrancando cômlos, atirando lenhas a terra; de quando em quando, fitas violáceas coriscam no horisonte, zig-zagueiam na campina, racham pinheiros nas encostas arenosas; e logo o trovão estala, sêco, rápido, ou prolonga-se num rolamento surdo de ondas que se espreguiçam em longínquo mar...

Pelos alcantis das serranias agrestes, onde a neve desce numa poeira de leite, os lóbos uivam esfaimadamente; — e devem fazer tremer, tiritar num longo arrepio de pavôr, as gentanas míseras dos desconjuntados casebres...

E como tudo é magoada tristeza, a mesma hóstia doirada do sol — gôta de luz, lágrima de lume, pingo de calôr — rosa e alma que em ósculo de fôgo fecunda a terra e alegre a vida — é desbotada, e faz angústia olhar-se quando, á tarde, resvala no cálix verde dum monte...

Só se está bem ao canto da lareira, vendo subir, em sarabanda, lambendo a parêde, as línguas farpadas das labaredas rubras, casquinando estalidos, e ouvindo contar, a meigas velhinhas de falas langurosas, olhos de hóstia, e sedosos cabelos da cor dos linhos cômados, — remotas histórias de lindas castelãs, de príncipes heróicos, de fadas bemfazejas, de dragões tiranos habitando vêdes lagunas, e de ondinas que se penteavam com pentes de oiro e marfim e se banhavam em águas tais que, ao pingarem do manto fulvo dos cabelos, vinham em pérolas e diamantes...

E' a hora das recordações... Na luz dos olhos flutuam amádas mirágens, chorosos vultos de encovadas faces, sepultos na bruma

esquecida do tempo ; e a memoria dos ouvidos relembramos os sonhos que já lá vão, — esses sonhos fagosos que resplandecem, coruscam como esmaltes ao sol dos trópicos, mas que logo se desfolham como açucenas ao entardecer...

Ouve-se o cantochão do vento a farfalhar elegias na ramaria fúnebre dos pinhais, o estrondo das águas que se quebram e se pul-

verisam nos recessos dos açudes, a levada frígida da chuva ; as línguas ígneas do lume farandulam na lareira, como florêtes de oiro ; lá fóra o Inverno rugé, glacial e húmido, — e as horas de cinza vão passando, vão rodando, na ampulheta do tempo, demoradamente, infinitamente...

1926.

SEVERINO LEITÃO.

QUADROS DE LISBOA

○ imperio da imoralidade

LISBOA desejando acompanhar os tempos modernos encontra-se atravessando uma infeliz epoca de falta de moralidade com a agravante da indiferença geral, causando-nos um grande receio se olharmos para as crianças que nos rodeiam quer pertençam a ricos, a remediados, quer às classes mais pobres, pois perante a imoralidade todas são iguais.

Hoje a criança para qualquer divertimento onde vá, esbárria com um meio onde impera a indecencia, a imoralidade já não disfarçada mas apresentada com um realismo e um impudor dignos da mais severa critica.

Que divertimentos publicos tem hoje a criança portuguesa proprios e apresentados com um criterio educativo? Na Alemanha existem jardins especialmente fundados para a criança nas horas de recreio poder brincar, teatros de bonifrates, representando peças classicas, festas de neve, da Primavera, etc, etc.

Em Lisboa, tinhamos um jardim lindissimo, acidentado, com uma bela vista sobre a cidade, descobrindo-se o Tejo, até ao Barreiro, Seixal.

Até este jardim se encontra agora fechado, sem ninguem poder lá ir! Refiro-me ao da Politecnica, ou Jardim Botanico!

Ninguem protesta, ficando a nossa capital quasi sem nenhum jardim onde se possa ir um pouco descansar, ler, fugir ao bulicio das ruas. Nem todos moram perto do jardim da Estrela, da Tapada e desta forma Lisboa apenas fica com o Jardim Zoologico, mas nem todas as familias podem pagar as entradas todos os dias para seus filhos brincarem,

Pelos *cinemas* ainda entre nós não temos colecções de fitas proprias a serem vistas por crianças, como existem, especialmente em Londres e em Bruxelas.

Nestas cidades tais *matinéés*, são compostas de *films*, panoramicos, scientificos e os

restantes com quadros historicos e outros tirados das literaturas classicas, onde a criança quasi inconscientemente vai fixando factos e passagens necessarias para a sua rapida instrucção infantil.

Em Lisboa, se não são fitas de crimes, vemos comedias francezas com as scenas mais livres, e os chamados comicos, onde impera o exagero estúpido, verdadeiras palhaçadas.

Se passarmos do *cinema* para o teatro o campo talvez seja ainda peor!

O nosso teatro atravessa uma fase de imoralidade digna de censura da gente honesta.

Se as peças são tradução do teatro francez do mais livre e realista, agora as empresas deitaram mão das bailarinas nuas, publicando os seus retratos nos anuncios dos jornais, que entram nas nossas casas com o maior descáro!

A maior parte das familias que a respeito de educação infantil, possuem uma manifesta falta de criterio, somando-lhe uma grande ignorancia sobre religião, levam as crianças a estes espectaculos, sem pensarem um minuto dos crimes que praticam para o bom futuro moral dos seus filhos!

Bem sei que estas minhas palavras despertarão risos em muitos láres portugueses, principalmente nos que foram formados modernamente onde impera o poderio do *Charlston*, mas tenho fé em Deus que lá virá tempo, que desaparecerá esta onda de imoralidade e que o seu imperio sofrerá uma derrocada total ha tanto tempo desejada para o bom nome da familia portuguesa.

Lisboa-Fevereiro.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

«As Donas Medievais»

É coisa sabida; as rendilhadas frases da senhora Z., réscendendo ainda ao *heno de Pravia* com que perfuma os dedos, caíram na Literatura Pátria como sopa no mel. Tôda a gente as lê, as relê, as trelê...

É uma prosa escaldante, nervosa, arrebiçada—denunciando preciosos cuidados de *manucure*; é uma frase-epiderme, sem âmagô substância—mais ôca do que uma bola de sabão. A ideia passou por ali sem deixar pègadas. Mas a gente vive deliciosamente sem ideias, — «coisas» pesadas e indigestas que os «maduros» da literatura cosinham em artigos de fundo...

Pois eu tive ontem a ventura de ser recebido pela senhora Z. Os jornais tinham anunciado, para muito breve, a aparição de um novo livro da festejada autora do «Anel da Mimi». Tinha um título saboroso, sugestivo: «As Donas Medievais»,

A minha visita, muito jornalística levava «água no bico»: desejava ouvir a ilustre autora àcêrca do seu novo trabalho.

Recebeu-me logo, pedindo mil desculpas do «desarranjo» da casa, e lançando sôbre a creada as consabidas responsabilidades.

—Mas a casa está muitíssimo bem! — lisongeei, aceitando a cadeira que a senhora Z. me indicava.

Para sêr franco: aquele desarranjo, aquele à-vontade dos móveis, numa desordem de bric-a-brac; aquela poeira que ali se instalara com carácter definitivo, — impressionaram-me horrivelmente.

A senhora Z., que é uma «mulher moderna», cruzou a perna e acendeu, com requintado *aplomb*, um cigarro minúsculo.

—Então o que o traz por esta sua casa?

—O nome ilustre de vossa excelência, Os jornais noticiam o seu novo trabalho...

—Impossíveis, os senhores jornalistas! — interrompeu, sorrindo. Não sabem guardar nada! Palavra que lhes tenho medo!...

—Minha senhora...

—Não proteste! Você é bom rapaz (muito obrigado pela «bondade» e pela «rapaziada»); mas não deixa de sêr perigoso...

Se é um jornalista disfarçado, que se dá ares de o não sêr!

Dando um geitinho chic aos dedos — a senhora Z. tem uns dedos muito lindos — sacudiu a cinza do cigarro. E falou-me, com fingida indiferença do seu livro... Bagatella! O motivo, na verdade interessante, apaixonara-a, — confessou.

—«As Donas Medievais»... Um título bonito!

—Agradou-me. Essa obra, saiba você, deu-me um trabalhão! Tive de estudar a época, aspirar o pó de muitos alfarrábios...

—Vossa excelência estuda imenso!

—E' preciso, meu amigo! — e suspirou.

Mas a creada, uma pobre rapariga de olhos espantados, entrava com o taboleiro do chá.

A senhora Z. irritou-se:

—«Sua» porcalhona! Que ideia é essa de aparecer assim vestida com êsses trajos de andar na cosinha?

—A senhora não me tinha prevenido... — desculpou-se a rapariga com máu modo.

—Mas está perfeitamente, minha senhora. Ceremónias são para a missa, — modulei. Serviu-se o chá.

—Delicioso! — apreciei.

Sabia a fumo. Algumas fôlhas nadavam à superfície do líquido, esperando salva-vidas.

—Desculpe você. Não é servido como devia... Mas que quer? A Literatura absorve por completo o meu tempo, sacrifico-me por ela...

—Abençoado sacrifício! — exclamei entusiasmado.

Satisfeita, acendeu novo cigarro, e começou a lêr-me — «não me massava nada por quem é!» — um dos capítulos do seu novo trabalho.

Alheiado, nem a ouvia. Pensava naquelas santas donas-de-casa medievais, que não «faziam» literatura mas que tinham os móveis ordenados e limpos, e não ofereciam chá com fumo aos seus hóspedes...

Teixeira Pinto.

A POUSADA MISTERIOSA

Mariano Serrão era um caixeiro viajante há pouco iniciado no ofício. Se não fôsse um principiante não se teria metido naquela hospedaria de má morte.

Verdadeiramente era esta a sua primeira

depois de mil e uma vicissitudes, foi parar já noite cerrada e chuvosa, a uma hospedaria solitária, suja, cheia de fumo, tétrica e lúgubre, bastante retirada do povo.

Assim que abriu a porta, saiu a recebê-lo um enorme cão, ladrando furiosamente.

— Verdugo! — gritou de dentro uma voz avinhada — Verdugo, cala-te ou apanhas a tua conta!

Desapareceu verdugo e ficou franca a porta. Mariano entrou, não sem receio.

— Boas noites! — disse, examinando o cubículo que servia ao mesmo tempo de sala de espera, cosinha e sala de jantar. Uma candeia de azeite alumiaava só a mesa e um banco, onde estava sentado um camponês gordo como um cetáceo, esperando, ao que parecia, que lhe servissem a ceia.

— O senhor quer cear? — perguntou a Serrão o hospedeiro, um homem parecido com um macaco e às vezes antipático e repulsivo.

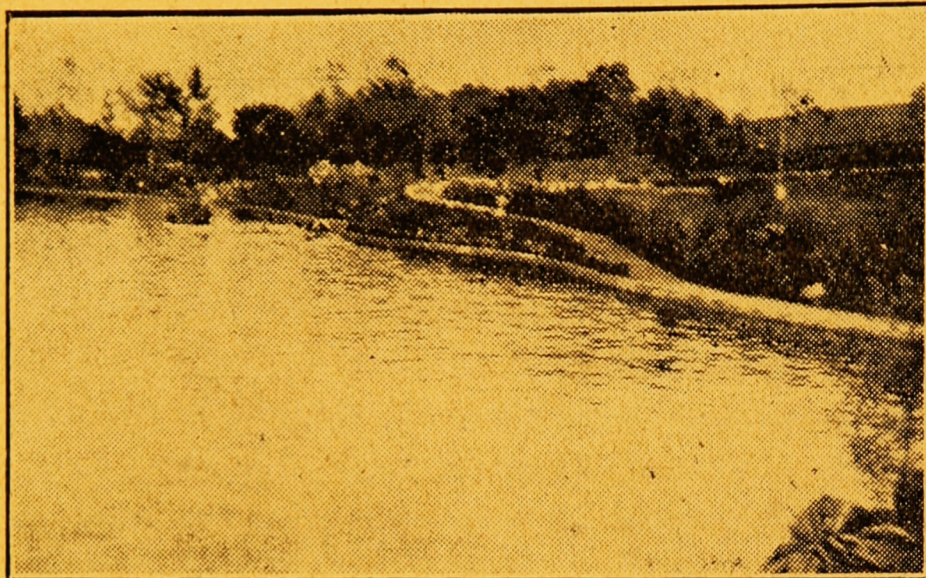
— Claro!

Serrão sentou-se em frente do hospedeiro gordo.

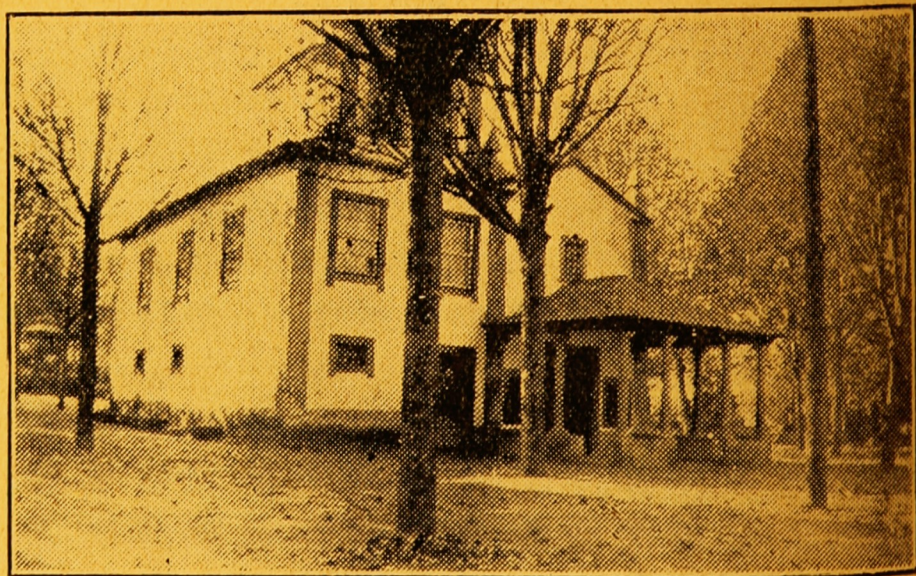
viagem à província. Empregado durante dez anos numa importante loja de quinquilharias e bijouterias da capital tinha sido elevado ultimamente à desejada categoria de viajante com comissão, ordenado e «viagens pagas».

O princípio era pouco promissor. No comboio, uns ladrões tinham-lhe roubado por artes do diabo, a mala das amostras, crendo serem jóias e diamantes bugigangas reluzentes. O que Mariano mais sentiu foi a sua roupa branca, um par de meias de ponto inglês e meia dúzia de lenços de pura cambraia, não pelo seu valor mas pela feita que lhe podiam fazer se por acaso se constipasse. Apesar disso Mariano Serrão não se desconcertou e dispoz-se a continuar a viagem até percorrer os mil e quinhentos quilómetros apontados no seu carnet. Para tornar mais suave o caminho tinha levado e lera durante grande parte do trajecto uma novela em forma de folhetim e intitulada a **POUSADA MISTERIOSA**. E, oh acaso, ainda bem não a tinha acabado à débil claridade da luz de um vagão de terceira, teve que aprear-se e

pedreiro, um homem parecido com um macaco e às vezes antipático e repulsivo.



BRAGA. — O novo lago do Parque da Ponte



BRAGA — A Capela de S. João da Ponte

Na lareira uma velha com aparências de bruxa guizava um cosinhado infernal, enquanto um gato negro feito num novelo, roncava a seu lado. O cão estava deitado debaixo da mesa e não cessava de rosnar.

A ceia foi servida sem grandes preparativos. Tanto Mariano como o seu companheiro comeram sem apetite uns bifés que pareciam sola, peixe que cheirava a sabão e pão que parecia feito de ossos moídos, e beberam um trago de líquido roxo que tinha pretensões a vinho.

O nosso viajante, afim de distrair os pensamentos macabros que lhe turvavam o apetite e o espirito, procurou entabolar conversa com o seu visinho, não obtendo por resposta senão alguns monosílabos,

O camponês parecia muito preocupado e pouco disposto a contrair novas amizades. Levantou-se de brusco e sem se despedir foi-se deitar.

— Parece que acontece alguma coisa ao nosso amigo — disse Mariana, a cosinheira com aspecto de bruxa.

— Ainda lhe não aconteceu nada, mas não tarda.

— Não tarda?

— Sim. Já se pode dizer que está pronto.

— Pobre homem! De gordo que está, quem o diria?!

O hospedeiro, interrompendo a conversa, perguntou com voz cavernosa:

— O senhor não traz bagagem?

— Não,

— O senhor deseja cá dormir?

— Então faça o favor de me seguir que o acompanharei ao quarto.

E pegando na candeia de cima da mesa guiou o hospedeiro por uma escada de caracol.

Uma vez no quarto, Mariano procurou fecha-lo, mas à falta de chave encostou o catre à porta e depois de se despedir deitou-se sobre a cama e apagou a luz.



FAMALICÃO, — S. Tiago da Cruz. — Capela do Senhor dos Aflitos

(Fot. de Alipio Gama)

Não conseguiu conciliar o sono. Mil pensamentos disparatados e aterradores o preocupavam: o hospedeiro e a mulher, o enorme cão, o gato negro e o campónio gordo.

Recordou as scenas que se tinham passado em pousadas parecidas, o que tinha visto nos dramas de teatro e cinema, o que tinha lido em romances e folhetins. Pobre Mariano! Êle tão providente, fôra-se meter na bôca do lobo: êle tão decidido, estava trémulo de medo. O caso não era para menos.

No quarto do lado apercebiam-se passos abafados e falava-se baixo...

Escutou: pelas fendas das táboas ouviam-se roncões ou lamentos.

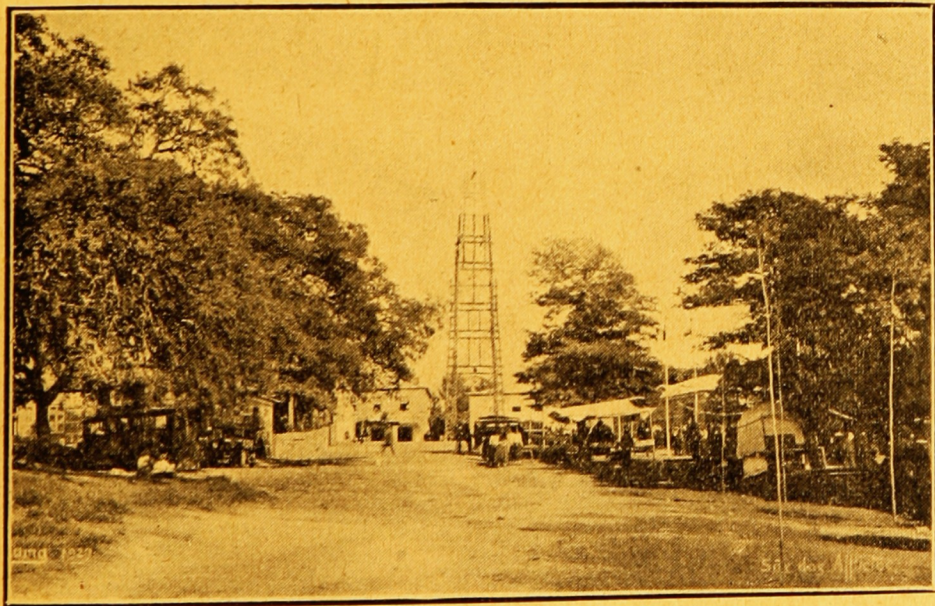
Não podia precisar, mas com certeza, eram lamentos. Seriam do homem gordo?

De repente a voz de bruxa da hospedeira ouviu-se na obscuridade e silêncio da noite:

— Simão! Vamos à nossa tarefa que já devem estar todos a dormir.

— Oh! Simão! O mesmo nome do assassino do Delfim de França!

— Traz a faca grande. Ê preciso sur-



FAMALICÃO. — O lugar do Senhor dos Aflitos

(Fot. de Alipio Gama)

— Sim.

— O senhor quer que o acordem cedo?

— Não.

— O senhor paga hoje ou amanhã?

— Amanhã.

preendê-lo e atá-lo bem para não nos escapar... Não faças barulho... Enxota o Verdugo para não estorvar...

— Qual queres matar?

— Agora o mais gordo.

— Vou buscar um alguidar para o sangue.

— De caminho deita lenha no lume para se poder chamuscar bem.

Jesus, Maria e José! Querem-no matar e queimar para fazer desaparecer o rasto.

Sentiu muitos golpes sêcos, que deviam ser facadas; os latidos do Verdugo e as imprecações dos hospedeiros afogavam os gemidos agonisantes da vítima...

No meio do barulho, pareceu a Mariano que o criminoso Simão nomeava:

—...rrão... Que duro êste está!... Dá-lhe outra vez!... Que o sangue se não espalhe... Está pronto o lume?

Serrão não quiz ouvir mais. Com risco de apanhar uma pneumonia abriu a janela que dava para o quintal, agarrou no facto e nas botas e atirou-se abaixo em trajos menores. Sem mesmo cuidar de se vestir, advertiu as pernas do perigo que corriam naquela casa e pediu-lhes por quanto havia que o distanciassem o mais possível daquele antro.

Correu sem parar, desesperadamente, em direcção ao povoado. Chovia a cântaros, mas êle só queria salvar a pele, mesmo molhada.

Ja já a chegar às primeiras casas da aldeia quando se sentiu violentamente agarrado pela fralda da camisa.

— Sou um homem morto. Compaixão! — Dispunha-se a ajoelhar aos pés do que o tinha agarrado, quando deu conta que era Verdugo que o perseguia e o segurava duma maneira tão pouco decente.

Quiz libertar-se abandonando a prenda que o cão guardava em refens entre os afiados dentes. Mas atraz dele apareceu o criminoso Simão e a sua cúmplice e cônjuge, gritando como uns energúmenos:

— Ah, Ladrão! Assim te despedias? Com que o senhor queria retirar-se à francesa?

— Perdão! Não me matem. Estou muito fraco e sou ainda muito novo.

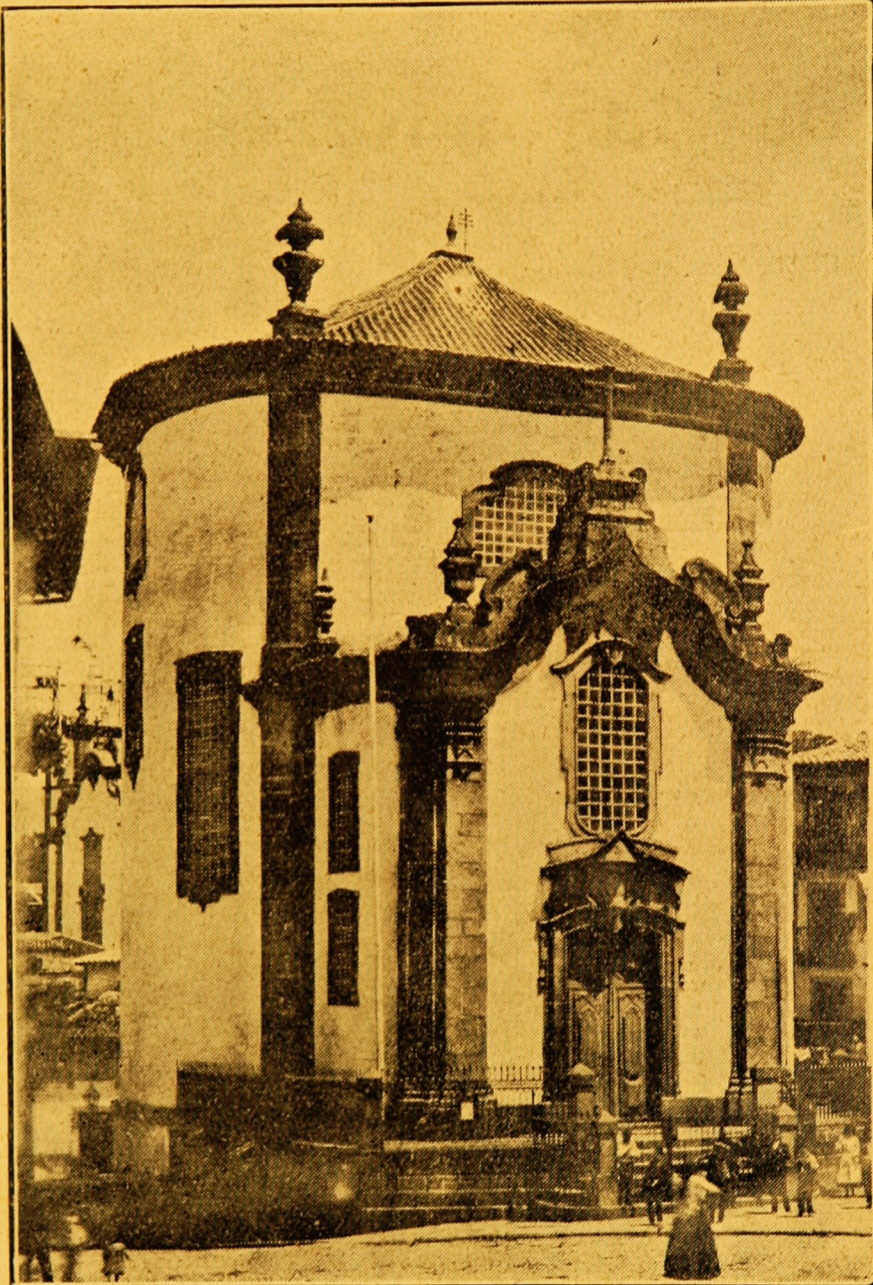
— Não te matarei, mas chego-te deveras. Ir-se embora sem pagar! Ladrão!

Não me matareis como ao campónio gordo?

Nós não matamos ninguém, mas queremos cobrar o que é nosso: a ceia e a cama. Patife! Olha a cara de palerma que êle tem!...

— Mas na verdade não mataram o campónio?

— Para que o havíamos de matar se amanhã vai casar com uma viúva de 60 anos e seis filhos?



ARCOS DE VAL-DE-VEZ — A Capela de N. Senhora da Lapa

Mariano, horrorizado, levantou-se num pronto da cama... Quiz gritar. Mas a voz afogou-se-lhe na garganta. Sem embargo ainda pode pensar:

— Oh! Vão matar o infeliz e gordo campónio. Com certeza depois veem pelo magro, que sou eu. Protesto!

Tremiam-lhe as pernas, eriçavam-se-lhe os cabelos, encolhiam-se-lhe as orelhas, os olhos saíam-lhe fóra das órbitas e enrugava-se-lhe a pele.

A estas horas deve estar a dormir como um bemaventurado!

— E então aqueles gemidos, o sangue e a faca?

— É que matamos o porco. Cada sábado matamos um.

— Um porco gordo! Agora compreendo tudo — exclamou Mariano, como nos romances a que era tão aficionado.

Ficou ou não convencido mas o caso é que pagou ali mesmo sem regatear o que lhe exigiram por uma ceia que apenas prova-

ra e por uma cama que não tinha utilizado.

Vestiu-se como ponde e sem pensar em terminar a viagem regressou imediatamente à cidade, renunciando para sempre ao lugar de viajante.

Preferiu continuar a vender bugigangas dentro do balcão, comer e dormir em sua casa, a ir por esse mundo de Cristo — com ordenado e viagens pagas — a dar com outra **POUSADA MISTERIOSA.**

EME

TRADUÇÃO DE E. S.

No rithmo da vida universal

As portuguesas iniciativas, continuam a concitar para a pequena casa lusitana as atenções universais.

Agora é Carlos Bleck, tripulando sósinho uma aeronave a que deu o nome de Portugal, que vai transpondo, em sucessivos vôos, jornadas até agora felizes, do caminho da India. De Lisboa a Marrocos, a Oran, à Tunisia, à Argelia, à Tripolitania, à Cirenaica, ao Egito, à Palestina; um desastre o fez parar em Jerusalem, ileso felizmente.

Teve de particular esta longa viagem aerea o ser feita por um só homem, e este da classe civil, sem intervenção nem subvenção do estado. E' uma prova de valor, desportiva, como costuma dizer-se: e os entendidos dirão se nisto é util o desporto.

*

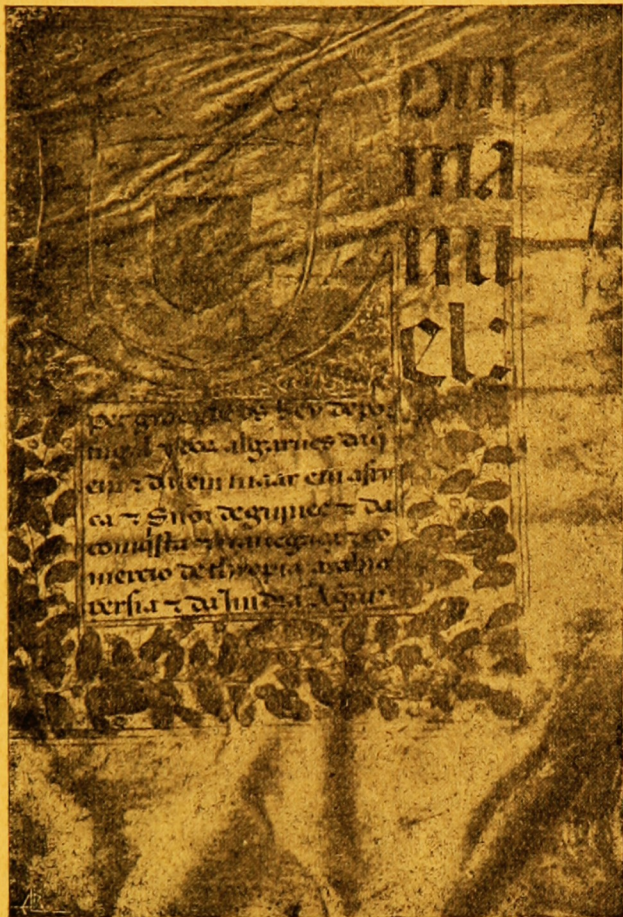
Por diferentes modos é apreciado o desporto. Se ele serve para complemento de educação física, certamente que tem utilidade. Já não a vemos se, como unica finalidade, se propõem superar em energia e destreza um

grupo adversário, sem pretender sequer formar os seus membros em correcta e sentata robustez física, considerando o desporto, não como um fim, mas sim como um meio de aperfeiçoamento individual. E' o olvido deste principio sa-



VILA DO CONDE — Egreja Matriz

lutar que faz que grande parte dos núcleos desportivos — quasi sempre limitados à podosfera, — sejam ou inúteis ou prejudiciais. Todavia, quer em Portugal, quer no estrangeiro se vê por ve-



VIEIRA DO MINHO — Fac-simile do Foral dado por D. Manuel

zes bem organizados grupos undecenais, jogando academicamente, com estilo de impecável classicismo, elegante movimento, e delicada competencia, que não exclue nas areas onde corre o esférico o desejo de ganhar, como antes nos estadios de Roma ou da Grecia, desejo que S. Paulo refere sem verberar, até apontando-o como exemplo ao certamen da vida espiritual: *Sic currite ut comprehendatis.*

E pelo que tem de beleza estetica, e de aperfeiçoamento humano, continuamos reproduzindo documentos graficos de desporto nacional e de alem fronteiras.

*

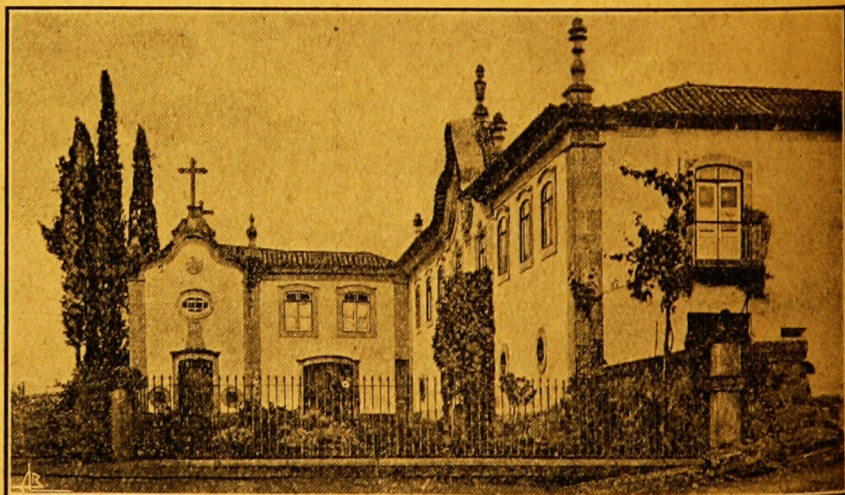
O Corpo Nacional de Scouts não

admite o desporto sendo, aliás, todo ele uma preparação completa do jovem, preparação moral e educação fisica permanentes. E não o admite pelos exa-geros a que dá ensejo, e até pelo espirito de animosidade que dele se desprende, oposto à boa e legitima caridade cristã. Isso não obsta a que no proprio seio do Corpo Nacional de Scouts se façam certamenes entre grupos, certamenes de agilidade e perspicacia que revelam o cultivo das qualidades e energias físicas.

O Corpo Nacional de Scouts, cujos progressos se acentuam de dia para dia, e cuja expansão nos apraz registrar e documentar, será, quere-nos parecer, uma das principais fontes de reorganisação nacional.

*

E como tocamos neste capitulo do desporto queremos registrar a tentativa, desportiva até certo ponto, de alcançar o Polo. Agora é a Italia quem prepara um grande dirigivel, para o efeito da exploração polar. E' um enorme edificio voante, mais que um aerostato, o que se está construindo, e com o qual Ansonia intenta dominar o mesmo Arctos. Tal expedição não é só util por um certo orgulho nacional e fama de ultrapassar o eixo da terra: a sciencia prosperará na conquista dos segredos detidos pelas regiões polares. E vem



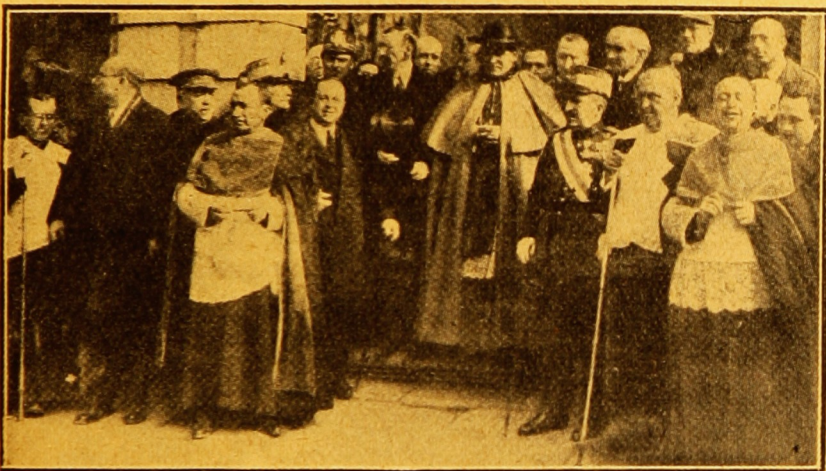
VIEIRA DO MINHO — Brancelhe. — Casa da Lage

a proposito recordar que a França se prepara a celebrar o centenario de Ju-

lio Verne. Ele como que adivinhou, nos romances que escreveu, muitos dos segredos conquistados pelo esforço do homem nos anos futuros: até o proprio Polo-norte descreveu em dois volumes, da expedição Hatteras; e noutro, que é a profecia do submarino, pinta um principe indio de vastos conhecimentos conquistando o Polo Sul.

*

Nós temos por descobrir grande parte do continente português. Não é amplificação retorica este pensamento, que na verdade são desconhecidas, em grande parte, as belezas e as qualidades da nossa terra. Com os olhos nos países estranhos, que vivem do reclame, olvidamos



TOLEDO. — O Cardinal Segura no dia em que entrou na sua Sé Arquebispopal.

tantas vezes o que é nosso, ou ignoramo-lo, que é para lamentar uma tal ignorancia. E, todavia, o azulino ceu de Portugal cobre uma terra de edenicos aspectos, que ainda poderia ser melhor se a grande incuria nacional a não tivesse não abandonada, e não fosse assás prejudicial a falta de educação da nossa gente. Apesar disso, que lindas e poeticas perspectivas, que verdadeiros mimos não contem a terra lusa! Quer nosso Minho, tão fresco

vergel que é mesmo no rigor do inverno, quer mil outras regiões, qual a de Aveiro, e toda a margem do



MADRID. — D. Mutiloa x novo Bispo Titular de Hieropolis, depois da Sagração na igreja dos P. Redentoristas.

Vouga, e outras mil e mil, fazem de Portugal um terrestre paraíso.

Mas . . . quem entre a gente ilustrada da nossa terra não cita com encomio as belezas da Suíça ou da Italia, sem saber que as tem cá dentro de não inferior quilate?

*

A imprensa latina embarcou em S. Nazario, porto francês, com destino a Havana, onde



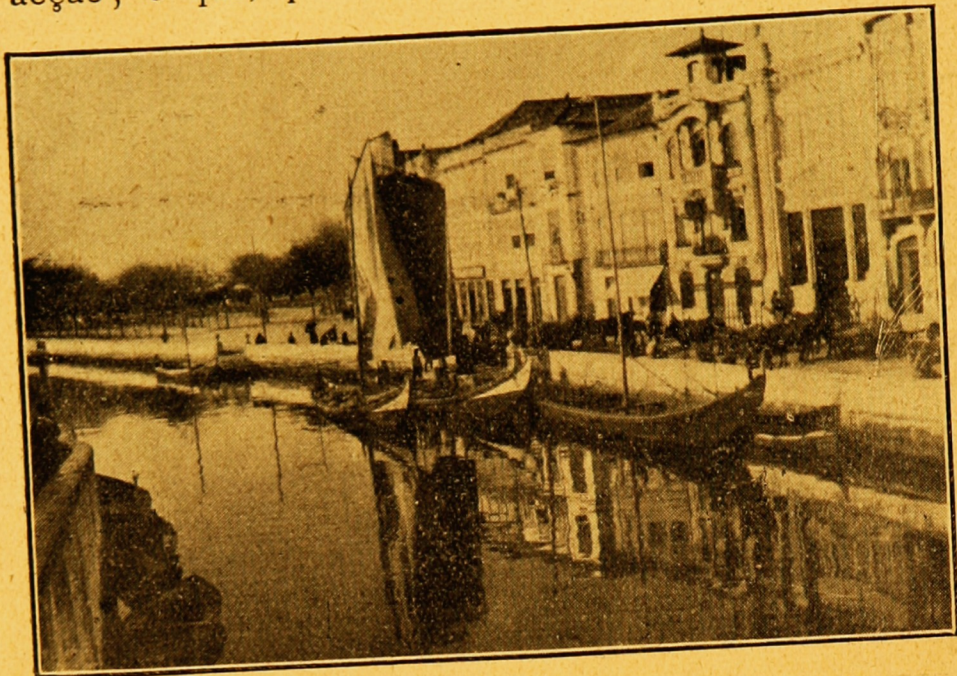
BRUXELAS. — O principe Leopoldo promovido a Capitão, comanda pela primeira vez a sua companhia.

vai reunir-se um congresso. Imprensa latina, lhe chamam, mas tem sido até agora bastante discutida a sua acção; é que, para latina, acham-na

Registemos o episodio, que é interessante, na vida universal.

*

Em Nicaragua os americanos continuam a manter a perturbação revolucionaria; no Mexico dizem os telegramas que os «rebeldes» estão totalmente vencidos. O governo de Calles chama rebeldes aos catholicos, e aqui ha dezesete seculos um imperador de Roma cujo nome não recordo, gravou nas moedas do tempo: foi apagado o nome dos cristãos: *delecto nomen christianorum*; e o dinheiro que bateu já não tem curso . . .



AVEIRO. — Canal no interior da cidade.

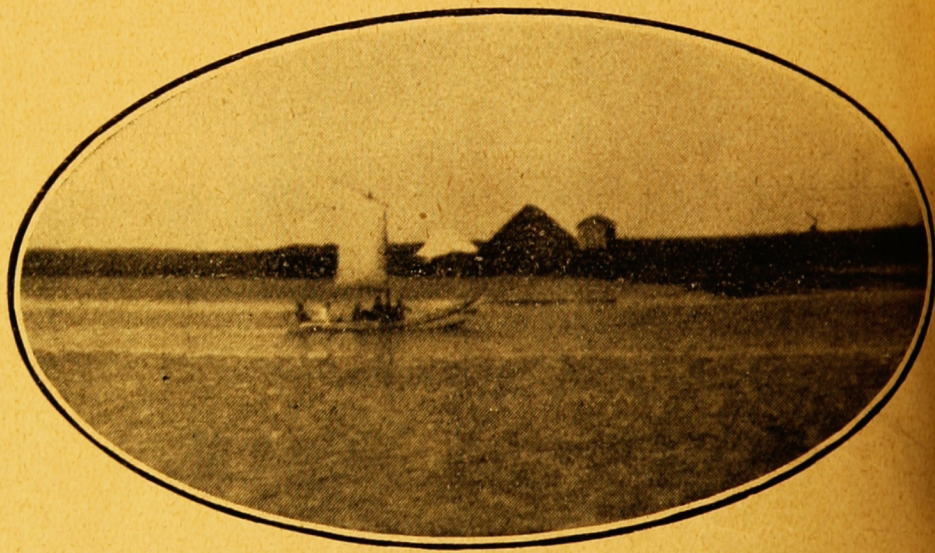
Fot. de D. Francisco d'Almada (Tavarede).

pouco romana os que vêem nisto claro e fundo. Os frequentadores destes congressos tem-se declarado racionalistas, ou por outra, os racionalistas tem usurpado o titulo de imprensa latina, e os catholicos abandonam totalmente o campo sem procurar contrapôr à idealidade pagã a idealidade catolica.

Poz-se uma vez à mesa el-rei D. João III, e trazia grande fastio. Estava entre os fidalgos que o assistiam um muito conhecido por discreto; disse-lhe el-rei:

*

Ao passo que pela Europa a democracia parece diminuir em prestigio — este parece daria ensanchas a um largo tratado — no Japão progredem, com todo o aprumo, ideias que a nossa civilização occidental lhe transmitiu. Começaram no domingo passado as eleições que, pela primeira vez são feitas por sufragio universal, e tiveram uma larga preparação, á americana, com muitos discursos radio e fonografados.



AVEIRO. — Esteiro da Sama.

Fot. de D. Francisco d'Almada (Tavarede).

— Que remedio me dais, D. Fulano, para comer, que de nenhuma coisa gosto?

— Coma vossa alteza do alheio, como eu faço e verá como lhe sabe bem.

Assim respondeu aquele cortezão, e rindo disse a verdade.

Os artistas teatrais tem organizada uma casa de assistência e refugio da classe, e para obter maiores fundos em favor dessa instituição idearam com a cooperação do commercio uma festa interessante, durante uma inteira semana.

E como? Ocupando o lugar de caixeiros e caixeiras, de vendedores ambulantes e de engraxadores, de serviçais de café ou de pregoeiros de jornais, — os artistas de teatro representaram em plena cidade, primeiro em Lisboa e depois no Porto, um drama moderno, um pedacinho de vida real, transportado para a vida teatral sem ponto nem contra-regra.

O mister comercial a que se entregavam, assim, os artistas de teatro, era um esplendido reclamo para os estabelecimentos em que representavam o seu papel. E estes pagavam-lhe o reclamo em nutridas percentagens, a que vinham juntar-se,



D. Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro e Nascimento Fernandes na casa Albano Ramos Pais & F.º, servem a Ex.^{ma} Snr.^a D. Candida Ferreira, de Riba d'Ave, e suas gentis filhas

da generosidade do publico, esplendidas gorgetas aos improvisados serventes. A «Semana dos Artistas» despertou viva curiosidade e verdadeira simpatia.

As numerosas scenas, graciosas ou de fino espirito que originou esta empresa, não é facil escreve-las nem factivel condensa-las. Não cabe sequer reproduzir aqui as principais scenas, nem os seus figurantes. Ao acaso um pouco, e para deixar documentada a interessante empresa, publicamos essas fotografias de alguns aspectos da «Semana dos Artistas Teatrais», no Porto, manifestando o nosso regosijo pelo bom exito que obtiveram os seus simpaticos organizadores.

Questão de barbas

A República de Veneza enviou a Frederico por embaixadores dois fidalgos mancebos ainda. O imperador ao ve-los extranhou que enviassem a tratar tão graves assuntos, fidalgos moços «que nem sequer barba tinham». Isto ouvindo, um dos embaixadores venezianos acudiu prontamente: Se a Sereníssima República entendera, senhor, quão prezadas são aqui as credenciais de pêlos, vos remeteria por embaixadores dois velhos e bem barbados bodes.



João Correia, Julieta Soares e Selvagio, desempenhando o papel de cantores ambulantes e pedintes

ANECDOTAS HISTORICAS

Era o para-raios

Disseram a Dionísio da Sicília, certos amigos que não seria bem aceita a nomeação, que intentava fazer, de certo fidalgo mal quisto e de preverso ânimo, a quem já por aquelle foram dados vários cargos públicos. E o tirano responden: — Melhor é que o aborreçam a êle do que a mim.

Mais valia o brincar

Pitágoras era rogado pelos agrigentinos a que tomasse o govêrno de sua cidade, e para ela escrevesse novas leis. Mas o filósofo que desesperava já de ser ouvido e atendido se retirou ao têmplo de Diâna onde se poz a jogar os dados com umas crianças. E como os senadores se admirassem, êle repoz: — Melhor é perder aqui o tempo que a República comvosco.

Entre um e outro...

Travaram-se em guerra César e Pompéio cada um deles pretendendo fazer-se absoluto senhor de Roma. Os principais romanos dividiam seu parecer bandeando-se com um ou outro. Cícero, que nada bom adivinhava para a República, que com essas dissensões, realmente, veio a desaparecer, dizia graciosamente. De quem fuja, bem sei; quem siga, não conheço.

Um pasquim romano

O Papa Clemente X tratava cuidadosamente dos negócios espirituais da Igreja, porém os temporais e políticos os deixava totalmente nas mãos do cardial secretário, e então dizia o Pasquim: — O Papa é para o *Benedicere et sanctificare* e o Secretário para o *regere et gubernare*.

Questão de títulos

Páulo III perguntou a M. Donati embaixador de Veneza, quais os títulos que a Sereníssima possuía do govêrno do Adriático. E aquelle volveu: Santíssimo Padre, estão exarados no verso dos títulos do Património de S. Pedro.

Bom auditório

Antímaco lia públicamente a sua Tebaida, porém os ouvintes o abandonaram todos, e só Platão o escutou até final, ao que êle disse: «Basta-me para auditório um só Platão.»

Orgulho contra orgulho

Vencido Poro supplicava ao grande Alexandre que o tratasse como rei, e ouviu em resposta: «Não por tua causa mas pela minha assim farei.»

Ouro não temos...

Décio Bruto havia conquistado quasi tôda a Lusitânia, mas resistindo ainda os de Citânia, lhes enviou embaixada a dizer que se rendessem ou se remissem por uma quantia de ouro. E êles retorquiram: De nossos pais herdamos ferro com que nos defender, e não ouro com que nos comprar.

Não tivesse tanta pressa

Henrique IV de França, que intentava com um grande exército passar a Itália, pouco antes de sua infeliz morte dizia que queria almoçar em Milão, ouvir missa em Roma e jantar em Nápoles.

A esta jactância respondeu argutamente o embaixador de Castela, aludindo à revolta que os sicilianos fizeram contra os franceses — a hora de vespas, pelo que é chamada essa revolta vésperas sicilianas.

«Senhor — se tanta pressa manifesta V. Magestade, bem poderá a êsse passo chegar a vespas na Sicília».

Ofício de reinar

D. Afonso, cognominado o Sábio, era tão dado ao estudo que muitas vezes abandonava os negócios importantes do reino, para se dedicar às letras. E Savedra, político discreto, satirizava a propensão real dizendo: o Rei estudava por obrigação e reinava por divertimento.

Canonização

João Pedro Camus, bispo de Belley não era afeiçoado a certas ordens, por zêlo, mais ou menos discreto, e escrevia contra elas, incitando-as a reformação. Os religiosos aludidos sentiam-no e pediram ao Cardial de Richelieu a sua interferência. O Cardial, avisando-se com aquelle, lhe disse: — Senhor, eu não encontro em vós outro defeito mais que a paixão que tendes contra os frades: senão, eu vos canonizara.

Com fina malícia, retorquiou o Bispo de Belley: — Monsenhor, prouvera a Deus que assim succedesse; cada um de nós teria o que deseja; Vossa Eminência seria Papa, e eu seria santo.